

## Turma 1972 - 1976: uma expansão iluminada pelo sol do meio dia

*Maria de Lourdes Peixoto Brandão*

Entrar na Universidade Federal do Ceará - UFC em 1972 era um sonho e ao mesmo tempo uma interrogação diante da escolha profissional. Desse modo, a clientela da Pedagogia oscilava entre jovens saídos do Científico (que desejavam por classificação migrar para os cursos de Economia e Direito) e uma parte que, de fato, desejava dar continuidade aos estudos iniciados em escolas normais. Dos 50 aprovados, 16 adentraram o Ciclo Profissional da Pedagogia em 1973.2 e colaram grau no semestre de 1976.1.

O primeiro ano de convivência acadêmica foi realizado no Básico, então situado em uma edificação correspondente ao espaço onde hoje encontramos o Shopping Benfica. Inicialmente, a vida acadêmica foi marcada pelos rituais coletivos dos trotes que recepcionavam os alunos, com festividades marcadas pelo receio de cortar/raspar o cabelo, ser pintado o rosto e participar de tarefas punitivas que nada combinavam com o que enfrentaríamos na convivência com o Ciclo Básico, ordenado pela reforma universitária 5540/68. Uma realidade acadêmica orientada pela indignação e incertezas diante da opção inicial, haja vista que o resultado do vestibular era provisório. A garantia da escolha do Curso, portanto, dar-se-ia ao fi-

nal de um ano de estudo regido pela competitividade, regulada e ordenada pelo desempenho nas provas semestrais. O currículo do básico dava uma formação geral aos acadêmicos independentemente da 1ª escolha. Para se entender a complexidade do ocorrido, os alunos da Pedagogia poderiam escolher, dependendo de sua reclassificação ao final do 1º ano, outros cursos da área de humanidades, dentre os quais os mais concorridos eram o Direito e a Economia. Nessa época, cursávamos disciplinas de Cálculo I e Estatística I com colegas das engenharias, ministradas respectivamente pelos professores Azim, pelo monitor Loureiro (do Instituto de Matemática) e Adilina (da Estatística). Imaginem pedagogos dando conta de integrais e funções... foi um tempo de reprovações. Na época, tínhamos como coordenador o Professor Moreira Campos e era um orgulho para nós estudantes conviver com o Poeta e Escritor. Sempre elegante, cortês e, acima de tudo, um grande gestor, mantinha a ordem e ouvia os reclamos dos alunos. A imensa cantina era o centro da vida acadêmica em que estudantes de áreas diversas se reuniam para trocas de ideias. Era o ponto de integração e formação interdisciplinar, constituído numa relação confusa e provisória: não tínhamos uma casa com endereço. Nosso destino físico ainda dependia de uma média aritmética classificatória. Neste período, tivemos o prazer de conviver com grandes professores da UFC, dentre eles: Isolda Bezerra de Menezes (*Introdução aos Fundamentos Psicológicos*); Mirtes Amorim (*Introdução aos Fundamentos Filosóficos*); Tereza Haguette (*Introdução aos Fundamentos Sociológicos*); Marcondes Rosa (*Língua Portuguesa I*). No caso da *Língua Portuguesa I*, todos os docentes eram auxiliados por tutores com encontros semanais feitos junto ao Curso de Letras Vernáculas, no sentido de garantir uma produção textual significativa no Trabalho Individual - TI. Um aspecto interessante sobre esses encontros promovidos e de grande relevância para o aluno ingressante foram os temas sugeridos, os quais não tinham quaisquer relações com o que se pretendia ser como profissional. O tema sor-

teado para mim, dentre os indicados, foi *O Futebol como Meio de Comunicação das Massas!* O problema enfrentado foi me deparar com um assunto que não fazia parte de minha vida, o que me levou a ler revistas como a *Placar*. Como jamais havia ido a um estádio de futebol, passei a entrevistar pessoas que iam ao Presidente Vargas - PV e, assim, consegui narrar como se lá estivesse. O resultado foi maravilhoso. Outra temática abordada sobre o conhecimento popular foi o sorteado para Fátima Azevedo: *Para-choques de Caminhão*. Para a realização da tarefa, muitas vezes acompanhei a colega à rua Conde d'Eu para realizar entrevistas com os caminhoneiros sobre suas mensagens gravadas nos seus carros de transporte de cargas e de mercadorias vendidas no Mercado Central.

Ao final do básico, muitas alterações se deram em uma turma marcada de reprovações na disciplina Cálculo I e que, apesar de ser uma turma disciplinada, fazia suas desordens. Dentre elas, destaco cenas bem interessantes de um fato registrado: em um sábado, 18 horas, após a aula de Cálculo I - regida pelo desejo de aprender e o temor diante de uma reprovação - estava a nossa turma constituída por alunos da Pedagogia e engenharias. Os meninos davam as presenças e saíam, sem que o professor percebesse, para um barzinho próximo à Faculdade de Economia. Retornavam à sala para confirmar a presença ao final da aula. O acontecimento: diante do quadro com soluções de exercícios de integrais, um deles perguntou: "Professor, o que significam estas estrelinhas no quadro?" (indagando sobre os asteriscos demonstrando correlações no desenvolvimento das questões). O professor notou o tom da embriaguez do aluno e prontamente respondeu: "É uma constelação!" (Turma do Professor Azim, 1972.2).

O segundo fato demonstra nossa inexperiência em seminários acadêmicos. Fizemos 16 cartazes para apresentar um tema em uma hora. Depois de uma noite sem dormir na casa da Iremar Campos, integrante da equipe, não deu tempo de apresentar o seminário so-

bre Rogers e Piaget (Turma da professora Isolda Bezerra de Menezes (1973.1).

No final do 2º semestre - diante do fato das reprovações em Cálculo I -, recorro o primeiro ato político dessa turma. Munidos de um abaixo-assinado e com o apoio do Professor Moreira Campos, fomos ao Coordenador do Curso de Pedagogia da FACED à época, Professor Antônio Carlos de Almeida Machado, para solicitar a exclusão e substituição da disciplina Cálculo I no currículo do Curso de Pedagogia pela disciplina Matemática Aplicada à Educação, fato ocorrido logo após adentrarmos no Ciclo Profissional, em 1973.2. O Ciclo Profissional, como chamavam o tempo no Curso, foi demarcado pela reforma universitária regulada pela lei 5.540/68, de caráter tecnicista, fundado no regime militar implantado no País e dentro dos princípios de racionalidade, eficiência e produtividade.

O ato da supressão da reprovação no Cálculo I em nossos históricos garantiu a inclusão da aprovação nessa nova disciplina, ministrada à época pelo professor José Anchieta Esmeraldo Barreto. Um detalhe à parte: fomos a primeira turma oficial do turno vespertino. Os docentes iam à FACED apenas para nos dar aula, pois concentravam as horas de trabalho no horário matutino.

Foi exatamente em 1973.2 que se deram as admissões de alunos estrangeiros e transferidos vindos de outras Instituições de Ensino Superior – IES. No caso específico, tivemos dois integrantes novos na turma: Nazilde (irmã Salomé), vinda da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e Michel Perron, missionário vindo de Quebec, Canadá. Sobre o Michel, trago lembranças incríveis. Ele dinamizou a turma com o seu ritmo de estudo e de produção dos trabalhos solicitados. Sempre os entregava na aula seguinte e deixava os outros membros da turma sem justificativas para atrasos. Outro fato a contar sobre ele: todo ano, no período de recesso das férias, o colega ia à Quebec, sua terra natal. Fotografava o ambiente escolar, descrevia o trabalho que havia desenvolvido com as crianças de

sua escola e, ao retornar à UFC, fazia uma reunião para contar a viagem. Sempre nos trazia lembranças do lugar para presentear os colegas. Lembro a folha de bordo de metal, símbolo do Canadá, que recebi de presente.

Dois aspectos da gestão acadêmica não podem ser esquecidos: o sistema de matrícula que passara a ser administrado pelo Núcleo de Processamento de Dados – NPD. O procedimento consistia na perfuração correta de códigos, correspondendo às disciplinas ofertadas e escolhidas para o semestre em um cartão individual, instalando o regime seriado. Assim, quando furávamos o código errado no cartão-matrícula, tínhamos que ir ao *campus* do PICI, sede do NPD, para pedir outro material de perfuração, uma vez que em cada um constavam informações do aluno, tais como a data de entrada na UFC, a classificação no vestibular, dentre outros dados relevantes. Enfim, nossos nomes foram substituídos por números e a matrícula passou a ser controlada pelo computador. Chamo atenção sobre a ordem da codificação ainda executada para toda disciplina criada nos cursos, regime a gestão disciplinar instituída naquela época. Até um palito de fósforo vinha junto ao envelope para auxiliar no ato da matrícula! Apesar da tendência instalada – negação do sistema anualizado - a nossa turma quebrava esse protocolo e se reunia antes de efetivar a matrícula para fazer um planejamento diante da oferta e garantir a permanência do grupo, como uma turma, fato ocorrido até o último semestre. É importante lembrar que desde o início os alunos do Curso de Pedagogia tinham o seu rendimento acadêmico avaliado por meio de conceitos representados pela sigla EBRIM (Excelente, Bom, Regular, Insuficiente e Mau).

Sobre o fato de sermos um código, Fátima Azevedo lembra muito bem a situação ocorrida no primeiro dia de aula do Ciclo Profissional. Deu-se na disciplina Sociologia da Educação, ministrada pela professora Dra. Zélia Camurça. Essa docente, ao adentrar a sala, foi logo solicitando que todos se levantassem e escrevessem o seu nome, o seu número, exercitando uma chamada diferente. Deu-se um silêncio

profundo diante do impacto gerado ao olharmos um quadro cheio de números em substituição dos nossos nomes, de forma a registrar a nossa presença na aula. Em seguida, a professora fez uma grande preleção sobre a condição do ser social e a condição instituída de anonimato.

Neste período se deu a convivência com o filósofo professor Moacir Teixeira Aguiar, à época interlocutor de Paul Sartre no Brasil. Das lembranças, guardo a vivência como monitora voluntária da disciplina Filosofia da Educação, auxiliando na burocracia dos registros de frequências e dos conteúdos ministrados em cada aula no diário de classe. A condição da Monitoria era tão valorizada que, mesmo antes da sua institucionalização como Programa de Bolsas na UFC ela já existia de fato com o caráter volitivo. Nesta perspectiva, tive o prazer de ter Lindyr Saldanha como monitora da disciplina Psicologia da Educação I- Infância, à época ministrada pelo Pe. José Maria Frota.

Outro lugar das minhas recordações foi a implementação da Lei 5692/72, que instituiu as Habilitações Educacionais- Orientação Educacional, Supervisão Escolar (da qual fui aluna) e Administração Escolar. Segundo Machado (1993), o currículo do Curso de Pedagogia decorrente do Parecer 252 de 1969, que cria as Habilitações Educacionais, reduz o estudo dos fundamentos históricos-filosóficos e socioculturais da educação, prevalentes no currículo anterior, e concentra o ensino em disciplinas técnico-profissionalizante. Os docentes que implementaram e consolidaram as referidas Habilitações foram: área de Supervisão (Júlia de Figueiredo Rocha e Maria de Lourdes Ferreira Lima); área de Orientação Educacional (Glauzenete Barros de Oliveira, Noélia Picanço Machado, Layrton Cavalcante, Adil Dallago); e na área de Administração Escolar (Lireda Facó, Assis Goes e Ivone Sá).

Sobre a Professora Lireda Facó, fundadora da disciplina Administração Escolar e, posteriormente, quando do advento da pri-

meira reforma do Curso de Pedagogia, organizou a habilitação em Administração Escolar, quando da reforma do currículo pelo Parecer n. 252 do então Conselho Federal de Educação, que criou as especializações em Supervisão, Administração Escolar e Orientação Educacional.

A Profa. Lirêda pela vasta e ao mesmo tempo profunda cultura de que era possuidora representava um marco em todas as turmas de alunos onde lecionava. Como pessoa era de uma simpatia e disponibilidade ímpares. No que se refere a sua formação acadêmica, concluiu o Bacharelado em Direito na Faculdade de Direito do Ceará, ao mesmo tempo em que graduava-se em Bacharel pela Faculdade Católica de Filosofia, mantida pela Congregação Marista. Na década de 70, na Universidade de Tulaine – EUA concluiu o mestrado em administração da educação, retornando à Fortaleza. Aqui elaborou importante tese na área de educação a ser defendida para obtenção do título de Livre Docente, o que infelizmente não se concluiu em virtude do seu prematuro falecimento, o que nos deixou órfãos desses valerosos ensinamentos, tendo falecido aos 61 anos de idade (Fonte: Registros da Prof. Ivone Sá, Fortaleza, julho 2013).

Reafirmo que a postura e ideais pedagógicos assumidos à época por nossos professores, diante da tendência da formação de especialistas, foi de assegurar a Reforma Curricular de 1972 dando um tom diferenciado às determinações oficiais. Esse fato está expresso na fala transcrita a seguir, do Professor Antônio Carlos de Almeida Machado (2013):

Pessoalmente, creio ter me identificado nesse período com o grupo de professores que cultivavam os pressupostos, princípios e práticas da educação humanista moderna, fundada na liberdade e na autonomia e no cultivo da razão, da inteligência e da sensibilidade, não faziam uma opção pela escola do trabalhador, mas falavam bastante de uma escola democrática, de boa qualidade para todos. [...] Recusavam a modelagem do comportamento humano, a automatização de respostas e a servidão da mente, combatiam e desprezavam as publicações do tipo engenharia da instrução, de objetivos, manuais de instruções programada, todas financiadas pelo MEC, e enviadas em gran-

des números de exemplares para as bibliotecas de educação. Apoiavam-se em Piaget, Karl Rogers, Alexander Neill, Makarenko, Dewey, Lauro de Oliveira Lima e já no fim da década em Paulo Freire, e nos clássicos da educação brasileiras [...], resistiam a criação do colégio de aplicação, convencido de que os estágios deveriam ser feitos nas escolas da comunidade e não se deixavam seduzir pela moda então vigente nas universidades, que instalavam laboratórios de ensino e centro de tecnologia educacional.

Apesar da tendência anunciada, houve algumas experiências bem-sucedidas para o exercício da crítica acerca dos usos e desusos da tecnologia educacional na formação docente. Este encontro se deu na disciplina Didática Geral, momento em que estudamos a dinâmica do Planejamento educacional, o ensino instrucional e técnicas de dinâmicas de grupo e estudo, dentre outros ensaios didáticos. Quanto aos Manuais Didáticos distribuídos pelo MEC-USAID, disponibilizados nas bibliotecas universitárias, recordo-me daqueles de *Ensino de Ciências e Matemática* usados na disciplina *Metodologias do Ensino*. Eles eram interessantes e passíveis de adaptações e de ajustes nas vivências dos estágios curriculares, coordenados à época pelas professoras Mercedes Capelo Alvite e Lúcia Lopes Dallago.

Não poderia deixar de relembrar outros momentos que marcaram profundamente a convivência da turma no Curso de Pedagogia.

- Na didática Geral, à época ministrada pela professora Terezinha Maciel, recém-chegada de Pós-Graduação na Michigan State University. Além dos ensinamentos e práticas, toda semana promovia encontros com toda turma para vivenciar dinâmicas de grupo, visando à formação do ser docente e à promoção de vivências e relações saudáveis de convivência. Foi muito interessante.



- Outra vivência, de cunho avaliativo, foram os *Encontros Didáticos* promovidos por nossa turma para o coletivo dos professores da FACED, realizados em uma sala-auditório ao final de cada semestre. No momento, eram apresentadas pesquisas acadêmicas de caráter voluntário, articuladas pelas disciplinas cursadas no semestre em que eram avaliados trabalhos acadêmicos propositivos e que permitiam uma constante avaliação curricular.
- A Tetê, como delicadamente chamávamos a nossa querida Professora Maria Teresa Albuquerque Guimarães, responsável pelas disciplinas *Ensino da Linguagem* e *Ensino da Matemática*, sempre nos alertando: "Meninas, vocês não podem ler Paulo Freire aqui na sala!". Íamos para o bosque, onde hoje fica a quadra da FACED, e lá constituíamos o lugar freireano.
- Dentre as festas organizadas com o apoio da Lindyr Duarte, então monitora voluntária do Pe. José Maria Frota Frota, professor de *Introdução à Educação*, destaco a do dia do professor do ano de 1974, na qual Efímia Meimaridou Rola (de origem Grega) encenou a dança do filme *Zorba, o Grego*. Foi lindo! Nesse dia, a homenageada especial foi a Dra. Zélia Sá Viana Camurça, sempre bem vestida, portando suas grandes sacolas abarrotadas de livros e um broche que chamava atenção pelo formato de um elefante. Certamente para dar sorte!
- As pesquisas coordenadas pelos professores Tereza Amiral Monteiro (Disciplina *Psicologia da Educação*), Hélio Leite (Disciplina *Medidas Educacionais*) e Lairton Cavalcante (da Disciplina *Psicopedagogia*), da qual participamos, na condição de aplicadores e colaboradores, na fase de tabulação e análise de testes psicológicos aplicados em crianças de uma Escola da Rede Municipal de Maranguape, Ceará.

- As vivências com a professora da área de *Estrutura e Funcionamento do Ensino*, Joseneide Franklin Cavalcante, que, à época, dividiu a nossa turma em dois grupos para exercitar experiências de aprendizagens diferenciadas, sejam: um grupo coordenado por contratos individuais (do qual fiz parte) de orientação rogeriana e outro com estudo presencial com aulas expositivas sobre os mesmos temas. Ao final da experiência, procedeu-se a uma análise de desempenho e foi divulgado o resultado para a turma.
- O encontro com a jovem professora Maria Nobre Damasceno, que nos conquistou pelo seu rigor acadêmico, o estímulo à produção científica, a disponibilidade de fontes que àquela época eram limitadas na área de Currículos e Programas e, acima de tudo, a simplicidade diante da sabedoria; ensinamentos que perduraram até os dias atuais e que me introduziram nas discussões sobre a Educação no campo e defendidas publicamente no caminhar da formação acadêmica contando sempre com as suas orientações.
- As aulas com o professor Leonel Correia Pinto, na disciplina *Psicologia da Aprendizagem*, em que assumia pedagogicamente o processo de construção e aplicação do método por ele criado e denominado *Gestalt-fenomenológico-Existencial - GFE*, dando destaque para o livro didático adotado de autoria do professor;

É importante destacar a grande contribuição do referido professor, por meio de depoimento escrito da professora Ivone Sá, que a seguir relato:

O Prof. Leonel Correia ingressou na Faculdade de Educação da UFC em 1970, por aprovação em concurso de Provas e Títulos, Psicólogo Clínico, Professor de Psicologia da Educação e Pesquisador na mesma área, na qual descobriu uma nova for-

ma de Avaliação da aprendizagem que qualifica a o conhecimento ainda não captado pelos instrumentos de avaliação até então existentes, como "conhecimentos não observáveis". Intensificando as suas investigações construiu a escala natural de avaliação testada em várias escolas de ensino fundamental e adotada pelo Colégio Redentorista, aqui em Fortaleza. Em seguida organizou a Metodologia da Compreensão Existencial, voltada para a formação do Homem integrado consigo mesmo e com o seu ambiente. O cerne do método era a integração CSA, onde C=conhecimento; S= a sentimento e A= a ação. Por esse caminho o Autor pretende que a ação do indivíduo ocorra não apenas pelo conhecimento frio obtido na escola mas, analisando a luz de uma consciência bem formada que o torna responsável pelos seus atos. O Mestrado em Educação, em suas primeiras turmas teve como bases três estudos acima ressaltados que compunham a Metodologia da Compreensão Existencial. Dr. e Livre Docente pela PUC/RS e Mestre em Psicologia pela PUC/R ( fonte: Ivone Pereira de Sá, Fortaleza, julho /2013).

A convivência diária com o prof. Leonel possibilitou aprendizagens significativas que marcaram profundamente nossas lembranças e nossos atos pedagógicos – criativo, reflexivo e ético, como bem dizia o dar-se conta da realidade– o saber ser.

Os jogos universitários foram a válvula de escape de acadêmicos que tinham apenas os grupos de estudos - as equipes, a nossa chamada POLLY – como forma de organização. Recebemos algumas taças: uma delas pelo tênis de mesa, angariada pela Iremar Santos Dumont Campos. A torcida era grande. Monitorada por Jambra, tinha direito a megafone e apitos. A representação estudantil nos Centros Acadêmicos era a outra forma de organização. Fiz parte desse movimento. O aspecto crítico dele era a lista de candidatos à eleição. A universidade, por meio da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, enviava a relação nominal dos alunos que tinham média satisfatória para ser candidato. A nossa turma, como sempre, estava bem representada.

Sobre os estudos referentes aos fundamentos da educação, re-cordo-me do depoimento escrito apresentado por mim e transcrito pela professora Maria Juraci Maia Cavalcante, ao discutir a trajetória do ensino da *História da Educação* no Curso de Pedagogia da FAGED:

[...] na graduação, as disciplinas da área de História da Educação em geral eram distantes da realidade educacional de nosso país e em alguns momentos interessantes, pois geravam curiosidade sob o modo de organização da educação de outras civilizações e de culturas ocidentais que iluminaram a nossa educação, como a França, Inglaterra e dos nossos colonizadores, assumindo caráter mais ilustrativo que formativo. Posteriormente, esses conteúdos foram retomados na disciplina Estrutura e Funcionamento do Ensino, em que Sistemas Educacionais da Europa, do Japão, dentre outros, foram estudados. Tivemos como professores Luciano Gaspar, do Curso de Letras, responsável pela disciplina História da Educação I; e Ernesto Neves, pela disciplina Evolução da História da Educação do Departamento de Educação. [...] No que se refere ao Brasil, estudávamos a evolução da educação brasileira numa linha cronológica, a partir dos Jesuítas... e por razão de tempo ou de interesse ou por ausência de pesquisas não fora trabalhada a história da educação no Ceará. Naquela época, o aluno não tinha a visão de totalidade do seu projeto formativo e dessa forma não tinha o que solicitar - seguia o programa pré-estabelecido pelo professor. Quem anunciou a necessidade de estudarmos a História da Educação no Ceará foi a professora de Sociologia da Educação, Dra. Zélia Sá V. Camurça que integrava o Instituto Histórico do Ceará. Na visão dela, para entender o social, tínhamos que estudar a história situada. O contexto político em que se deu a minha formação ainda era fechado e a Lei 5692/71 era a grande novidade. (CAVALCANTE, 2012, pp. 3- 4).

Finalizando, não poderia deixar de falar no Programa de Monitoria, instalado na UFC no ano de 1973. Como a nossa turma estudava à tarde, fomos gradativamente assumindo todas as vagas de monitoria que iam surgindo no Curso de Pedagogia. Fui monitora em três áreas: *Sociologia da Educação*, sob a tutoria da professora Dra. Zélia Sá Viana Camurça (1973.2-1974.2); *Currículos e Programas*, sob a tutoria da Professora Maria Nobre Damasceno (1974.2- 1975.2); e *Prática de Ensino*, sob a supervisão da Professora Tutora Susana Vasconcelos Jimenez (1976.1 – 1976.2). Além da minha participação, integraram o Grupo de Monitores da FACED no período de 1973 à 1976 os alunos: Michel Perron, Fátima Azevedo, Efímia Meimaridou Rôla, Luzia Siqueira de Vasconcelos e Iremar Santos Dumont Campos. O fato marcante é que a referida vivência acadêmica promoveu uma formação que culminou com o exercício da docência no ensino superior.

Enfim, a festa! A colação de grau com direito a foto coletiva. Um acontecimento importante: enquanto todos nós, concludentes, estávamos organizados nas escadas da Concha Acústica para a foto comemorativa, fomos puxados, de repente, pelo fio do *flash!* Todos foram caindo em direção à base da escadaria! Imaginem a queda! Com alguns reclamos e raladuras, retornamos à posição inicial para a foto histórica que ora apresento.



Figura 1 – foto da Colação de Grau na Reitoria da UFC -  
Turma de Pedagogia (1976.1).

Arquivo próprio da autora.

No clima das comemorações (julho de 1976), houve um grande programa de atividades festivas, tudo muito organizado pela comissão coordenada pela Iremar Santos: missa na cripta da Catedral, celebrada pelo Pe. José Maria Frota, nosso professor, e coquetel no Paço Municipal da Prefeitura de Fortaleza. Daquela época, lembro-me dos quitutes da Auridéa, do culto organizado pela Gercina, do churrasco organizado na casa da Luzia Vasconcelos e, ainda, do jantar oferecido na residência da nossa Parainfa, a professora Maria Nobre Damasceno.

Finalizo este depoimento agradecendo a todas as pessoas que contribuíram para a nossa formação. Dou especial destaque à servidora Darcy, secretária do Curso durante muitos anos; a todas as professoras e todos os professores, pelos ensinamentos e experiências, representados, respectivamente, pela nossa paraninfa, a professora Maria Nobre Damasceno, e pelo nosso patrono, o professor e ex-reitor Raimundo Hélio Leite; aos colegas da turma que colaram grau em 20 de julho de 1976, pelo convívio e amizade: Anna Maria Barroso Rodrigues, Efímia Meimaridou Rôla, Gercina Lopes Fonteles, Flávio Victor Hollanda Arantes, Iremar Santos Dumont Campos, Lêda Feijo Benevides Magalhães, Luzia Siqueira Vasconcelos, Luiz Rivaldo de Holanda, Maria de Fátima Braga Azevedo, Maria Elizabeth Gonçalves Menezes, Maria Lindalva de Castro, Maria de Lourdes Cavalcante Peixoto, Marina Almeida Chaves, Michel Perron, Nasilde de Oliveira Soares, Neide Augusta Marques Rocha, Norma Beltrão Pinto e Pedro Soares de Oliveira.

Em tempo, gostaria de agradecer à Fátima Azevedo pelas informações e lembranças relatadas, à colega Luzia Siqueira Vasconcelos que, mesmo distante- em Campinas-SP- contou-me fatos e feitos via e-mail, e à professora Ivoni Pereira de Sá, que me permitiram compor a presente história de nossa turma.

## Referências Bibliográficas

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. **O Ensino de História da Educação:** da tradição dos manuais aos recortes temáticos, temporais e espaciais sob novos protagonismos. UFC, disponibilizado em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/35.pdf>.